

# POÉTICAS DA MONTAGEM: DESCONTINUIDADES DAS TEMPORALIDADES URBANAS E A MEMÓRIA LARGA NA CIDADE DO NATAL/RN

*POETICS OF MONTAGE: DISCONTINUITIES OF  
URBAN TEMPORALITIES AND THE EXPANDED  
MEMORY IN THE CITY OF NATAL/RN*

**Arthur Leonardo de Lima Pereira<sup>1</sup>**

**José Duarte Barbosa Júnior<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

<sup>2</sup>Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte/IFRN - Campus Currais Novos, Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil

## RESUMO

Este artigo investiga as relações entre imagem, tempo e cidade, utilizando a montagem como método antropológico para explorar as transformações urbanas e as memórias na cidade de Natal, RN. A pesquisa tem como objetivo compreender como fragmentos visuais, como fotografias e outras imagens, podem desestabilizar a linearidade histórica e oferecer novas leituras da cidade. Metodologicamente, o estudo foi dividido em duas etapas: levantamento de acervos visuais e caminhadas exploratórias pela cidade para produzir novas imagens, seguidas por exercícios de montagem fotográfica. Conceitos como montagem, temporalidade e memória são centrais para a análise das discontinuidades urbanas. Os resultados indicam que a degradação do patrimônio material da cidade reflete suas contradições urbanas, e as imagens permitem reimaginar o tempo e o espaço, propondo leituras alternativas para o futuro urbano de Natal.

**Palavras chaves:** Natal/RN; cidade; imagem; montagem; memória.

## ABSTRACT

This article explores the relationships between image, time, and city using montage as an anthropological method to investigate the urban transformations and memories of Natal, RN. The research aims to understand how visual fragments, such as photographs and other images, can destabilize historical linearity and offer new readings of the city. Methodologically, the study was divided into two stages: a survey of visual archives and exploratory walks through the city to produce new images, followed by photographic montage exercises. Key concepts include montage, temporality, and memory, which guide the analysis of urban discontinuities. The findings suggest that the degradation of the city's material heritage reflects its urban contradictions, and the images serve as tools for rethinking time and space, proposing alternative readings for Natal's urban future.

**Keywords:** Natal/RN; city; image; montage; memory.

## INTRODUÇÃO



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

*O conhecimento histórico só acontece a partir do “agora”, isto é, de um estado de nossa experiência presente de onde emerge, entre o imenso arquivo de textos, imagens ou testemunhos do passado, um momento de memória e de legibilidade que aparece [...] como um ponto crítico, um sintoma, um mal-estar na tradição que, até então, oferecia ao passado seu quadro mais ou menos reconhecível. Ora, esse ponto crítico é chamado por Benjamin de imagem: não uma fantasia gratuita, evidentemente, mas uma “imagem dialética”, descrita como o modo que “o Outrora encontra o Agora num relâmpago para formar uma constelação”.*

(Didi-Huberman, 2018, p. 22).

Este trabalho busca refletir a relação entre tempo e imagem, recorrendo à montagem como forma antropológica de ler, reler e falar do mundo, partindo da nossa experiência visual e fotográfica com a cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. A cidade é resultado da expansão colonial, tendo sido fundada no final do século XVI e seu desenvolvimento ocorrido de forma lenta durante aproximadamente dois séculos. A cidade ganhou contornos urbanos, entendidos aqui como o cuidado com a forma e a função da cidade, no final do século XIX até as três primeiras décadas do século XX (Cascudo, 1980; Teixeira, 2009).

Mas é um crescimento súbito e exponencial, de suas ruas, prédios e população, ocasionado principalmente pelo seu papel na Segunda Guerra Mundial, que deixa marcas na forma de se relacionar com a cidade. Em outras palavras, o rápido desenvolvimento de certas zonas da cidade, com a circulação de capital, construção de prédios, alargamento de ruas, criação de empregos, circulação de estrangeiros, por exemplo; com o fim da Guerra, essas zonas passaram a outros usos e não usos.

Se até a primeira década do século XX, a cidade estava limitada a dois bairros, a Cidade Alta e a Ribeira, o crescimento “natural” na direção contrária ao mar acelerou com a Guerra. Nas décadas pós-Guerra, os bairros iniciais, então centrais, junto ao bairro de Alecrim, têm vida pulsante. Na virada do milênio, o desuso desses bairros se acentuou com a migração da atividade econômica para a zonal sul da cidade, notadamente com o cultivo da cultura das galerias e lojas e dos Shopping Centers.

No início dos anos 1990, a Ribeira e a Cidade Alta gozavam ainda de significativo fluxo de utentes do comércio, repartições públicas e lazer. No começo dos anos 2000, a Ribeira já apresentava fortes sinais de deterioração dos seus prédios e, mesmo com tentativas de revitalização de suas áreas, manteve-se em degradação. Na Cidade Alta, sítio fundador e bairro mais antigo, alguns prédios se conservam, mas a maior parte de um singelo mobiliário urbano encontra-se disperso ou desapareceu e muitos prédios tombaram. Dos séculos XVIII e XIX, apenas as igrejas e alguns prédios restaram. A pandemia da covid-19 não poupar o conjunto arquitetônico, tendo o desuso da cidade durante o período de confinamento significativo

papel na deterioração, abandono e esquecimento de lugares da cidade (Barbosa Júnior, 2021).

Concomitantemente aos desaparecimentos e esquecimentos, apareceram nos anos 2000 canais de divulgação de verdadeiras relíquias dos tempos passados. Com a popularização da internet, do computador e equipamentos como câmeras digitais e escâneres, fotografias e histórias da Natal de antes vieram à tona: passados presentes?

O fenômeno dos websites, blogs e redes sociais dedicados à memória do tempo passado pareceu ressignificar uma espécie de filatelia que, saída dos álbuns físicos restritos, vieram para o universo difuso do espaço virtual (Pereira, 2022). Uma mistura de saudade e nostalgia permeou o sentimento de muita gente em relação à cidade: aqueles que a perceberam na passagem do tempo e aqueles que a têm imaginado com a força fabuladora das suas faculdades e a potência do registro fotográfico.

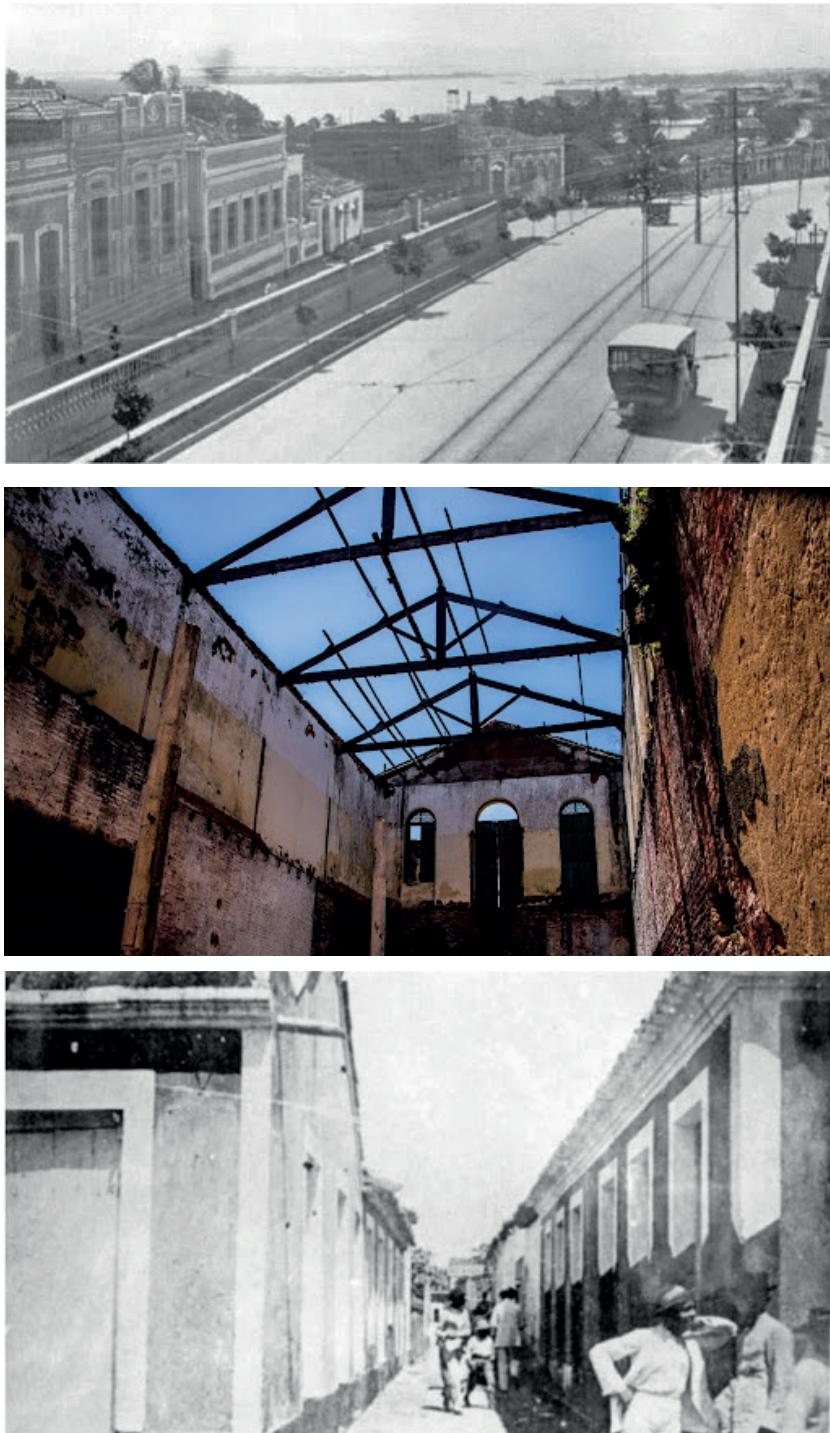
Estabeleceu-se também uma economia do “antigo” e do retrô, e a incorporação do elemento “de época” como um recurso estético de lojas, restaurantes e cafés. Nessa leva nostálgica, também ocorreu para muita gente o que se passa quando se revisita o álbum de família, mas dessa vez era um álbum de lembranças da cidade. As afetações na recepção desse material são diversas, tanto quanto é a sua difusão e as apropriações no quadro de uma memória coletiva. Aqueles interessados nesse material também são diversos em seus *métiers*, não estando circunscritos apenas aos historiadores. Ao estudar as relações cidade e imagem em uma perspectiva antropológica, fomos provocados a pensar sobre os efeitos particulares da passagem do tempo na cidade do Natal. Como reelaborar a impressão sobre o lugar na passagem do tempo a partir de fragmentos e dados ausentes?

Figura 1 – Montagem 1: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas e imagens extraídas da Internet. De cima para baixo, prédio em ruínas da Samaritana, Rua Dr. Barata, Ribeira (Imagens 1 e 3). Ao centro, antiga Rua do Commercio, atual Rua Chile, Ribeira (Imagen 2).



Fonte: Fotos antigas, autoria e data desconhecida, blog TOK de HISTÓRIA, acesso em junho de 2022. Fotos atuais, acervo dos autores, 2021-2022.

Figura 2 – Montagem 2: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas e imagens extraídas da Internet. De cima para baixo, Avenida Câmara Cascudo, entre Cidade Alta e Ribeira (Imagen 1). Ao centro, ruínas da Samaritana, Rua Dr. Barata, Ribeira (Imagen 2). Por último, Beco da Quarentena, Ribeira.



Fonte: Fotos antigas, autoria e data desconhecida, blog TOK de HISTÓRIA, acesso em junho de 2022. Fotos atuais, acervo dos autores, 2021-2022

Figura 3 Montagem 3: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas e imagens extraídas da Internet.  
Ruínas em diferentes pontos da Cidade Alta e Ribeira.

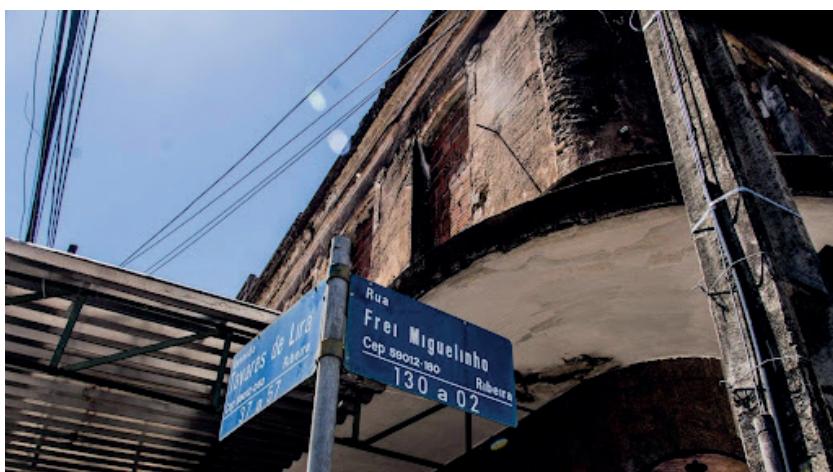






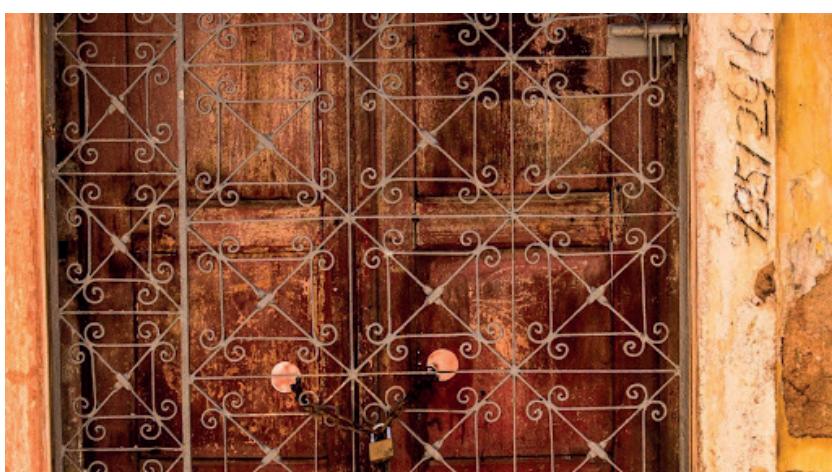
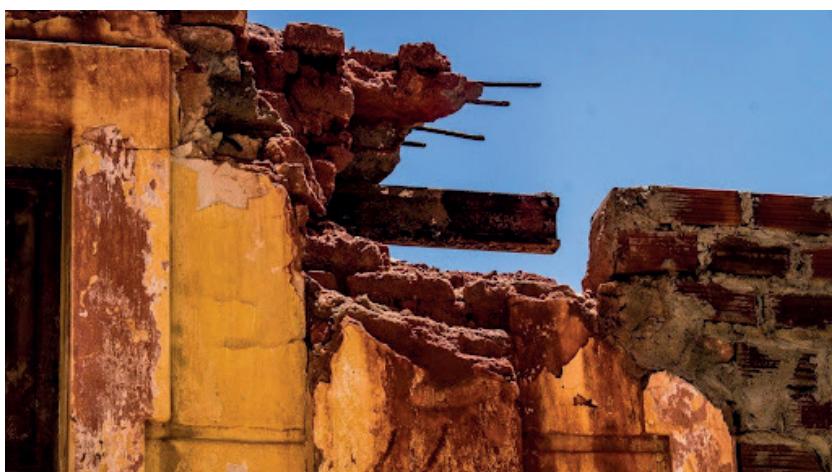
Fonte: Fotos antigas, autoria e data desconhecida, blog TOK de HISTÓRIA, acesso em junho de 2022. Fotos atuais, acervo dos autores, 2021-2022.

Figura 4 – Montagem 4: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas. Imagem do abandono da Rua Frei Miguelinho, Ribeira



Fonte: Acervo dos autores, 2021-2022

Figura 5 – Montagem 5: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas. Ruínas da Rua Tavares de Lira, Ribeira.



Fonte: Acervo dos autores, 2021-2022.

Figura 6 – Montagem 6: conjunto fotográfico realizado com fotografias produzidas durante as caminhadas. Fachadas e prédios arruinados na Rua Frei Miguelinho, Ribeira





Fonte: Acervo dos autores, 2021-2022

## POÉTICAS DA MONTAGEM

Ao interagirmos com a cidade por meio das imagens, aproximamo-nos das suas zonas de contato e procuramos experimentar a sua duração. Essa interação experimental toca necessariamente a memória, esse “elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993). A duração da memória que buscamos vasculhar está ligada à sua sobrevivência, que estava instalada, a princípio em uma materialidade, mas que se fixou, por conseguinte, na virtualidade da esfera digital. Em nossa abordagem, a dimensão visual da cidade se revela como uma narrativa antropológica de como podemos contar nossa experiência no mundo. Nesse sentido, a cidade pode ser lida a partir das imagens: pinturas, desenhos, mapas, fotografias, e mesmo pelos traçados deixados pela caminhada na paisagem. Pensando a cidade por essa via, vislumbramos uma sobreposição de camadas cuja profundidade se definiu ao longo do tempo, em modulações recíprocas de imagens e imaginários dos que a fizeram e que por elas foram afetados. Assim:

[...] o ato de viver a cidade carrega consigo, portanto, uma dimensão narrativa, já que resulta de uma unidade temporal que só poderá ser atingida mediante o encadeamento de estruturas espaço-temporais instáveis

e dinâmicas, heterogêneas e descontínuas e, inúmeras vezes, discordantes. Os acontecimentos narrados pelos habitantes com respeito à experiência viva são configurados no evento etnográfico em que estes se constroem como personagens de temporalidades geracionais (Eckert; Rocha, 2011, p. 109).

Buscamos na montagem uma abordagem conceitual e metodológica das narrativas da cidade em suas imagens (Bruno, 2012; Didi-Huberman, 2015; Elias, 2019; Warburg, 2010). Ao promover a integração de elementos das diversas mídias, imagem e texto, a montagem e remontagem abre espaço para outras perspectivas e interpretações. Para isso, dividimos este trabalho em duas etapas: na primeira, realizamos um levantamento nos acervos virtuais sobre a cidade de Natal em websites, blogs e redes sociais, os quais estavam, em muitos dos casos, sem datas precisas e sem autoria. Buscamos abordar a cidade por meio de seus detalhes e suas narrativas visuais: ruas, prédios e arquitetura, e seu desenho urbano. Na segunda etapa, percorremos o antigo centro da cidade em caminhadas exploratórias com foco em uma experiência visual e fotográfica de imersão nos espaços que as imagens acessadas na primeira etapa aludiam, produzindo, nessa experiência, nossas próprias imagens.

Ao percorrermos ruas e praças, capturamos perspectivas contemporâneas que dialogam com as memórias e rupturas que esses locais carregam. As caminhadas possibilitaram uma interação direta com os espaços, oferecendo uma visão atualizada da cidade e facilitando o entrelaçamento de temporalidades que se manifestam na materialidade urbana.

Esse duplo trânsito, fosse nos ambientes digitais das redes, ou nas caminhadas urbanas, possibilitaram encontros e o diálogo de um passado cuja duração verifica-se no presente. As imagens divulgadas na internet revelam outras narrativas sobre a cidade do Natal, algumas de difícil indexação na memória coletiva. Esse duplo movimento pela imagem e pela cidade permitiu reposicionar registros visuais em diálogo com as imagens produzidas por narradores da cidade do Natal, localizados em outras épocas.

O critério de escolha dos bairros Cidade Alta e Ribeira, na área central, justifica-se por serem os principais testemunhos dos fenômenos urbanos que buscamos investigar e que se apresentavam nas fotografias. Nesses bairros, encontramos os narradores urbanos da cidade, incluindo fotógrafos das primeiras décadas do século XX, alguns identificados, outros presumidos e outros anônimos.

Tal como fizemos em nossas caminhadas, esses narradores urbanos (Rocha et al., 2018) revelam suas idas e vindas pela cidade, itinerários de outros tempos a nos provocar a imaginação. Tais documentos são importantes como registros de memória, mas também como dados que trazem o testemunho do tempo entrelaçado à história da cidade.

Somamo-nos a esse fazer histórico, pois, nesse exercício, também ocupamos a posição de narradores. É, portanto, na montagem que tecemos essa reflexão, em que:

[...] a legibilidade dessas imagens – e, por conseguinte, o seu eventual papel num conhecimento do processo em questão – só pode ser construída quando estas estabelecem ressonâncias ou diferenças com outras fontes, imagens ou testemunhos. O valor de conhecimento nunca seria intrínseco a uma única imagem, tal como a imaginação não consiste em imiscuir-se passivamente numa só imagem. Trata-se, ao contrário, de pôr o múltiplo em movimento, de não isolar nada, de fazer surgir os hiatos e as analogias, as indeterminações e as sobredeterminações em jogo nas imagens (Didi-Huberman, 2020, p. 173).

Ao confrontarmos essas imagens, consideramos seu papel como elementos pensantes (Samain, 2012) das primeiras décadas do século XX à contemporaneidade. Relacionamos as questões que norteiam o crescimento urbano aos ideais importados de um projeto de modernidade europeia e ocidental capitalista. Trata-se de uma tessitura histórica entremeada por continuidades e descontinuidades cuja dissecação ou “desmontagem” nos permite uma recontagem, uma reescrita experimental ou “montagem” por questionar o estatuto de uma realidade aparentemente dada, acabada.

Em um segundo momento, verificamos, por meio de exercício de montagens fotográficas, que as políticas de preservação e tombamento da cidade de Natal restauram alguns prédios e reabilitam espaços, mas não são eficazes em garantir uma sobrevivência efetiva *dos e nos* bairros do centro histórico, a saber a Cidade Alta e a Ribeira. Como resultado, a circulação de públicos mais amplos da população é reduzida, ao mesmo tempo em que o afeto coletivo pelo local vai ficando cada vez mais restrito a uma pequena parcela de saudosos.

Ao propor uma remontagem a partir dos fragmentos achados e produzidos, propomos um espaço-tempo de encontro, trabalhando no *entre* e na fronteira que enunciam “o durante”, dimensão relacional quando as imagens são postas ao lado umas das outras, estabelecendo inter-relações vivas (Bruno, 2012). Essas imagens têm a potência de persistir e sobreviver à ação do tempo, não por recordar o passado, mas por apontar para futuros possíveis que emergem de nossas experiências antropológicas ao refletir sobre a cidade em diálogo com os seus tempos e as suas imagens, recorrendo à montagem como forma antropológica de ler e falar da realidade urbana. Esse exercício coloca em questão as instabilidades na mediação das imagens nos processos de significação da realidade, revela rupturas e confronta *formas de ver*:

[...] em vez de ver espaços limitados, a partir da perspectiva de um observador estático e de uma

distância segura, o espectador é atraído para um labirinto proliferativo de escadarias, pontes e passagens que parecem levar a profundidades infinitas, à esquerda, à direita e no centro. É como se seu olhar fosse aprisionado pelo espaço representado, puxado para dentro e capturado, por ser impossível ter um ponto de vista firme enquanto o olhar vaga por esse labirinto (Huyssen, 2014, p. 111-112).

As montagens são também experimentações que colocam em tensão as superfícies visíveis de nossas idas e vindas pelas imagens da cidade. Logo, evocamos um imaginário que fale dos fragmentos do tecido urbano que funcionam como “telas de projeção da articulação de temporalidades assíncronas da modernidade, bem como de seu medo da passagem do tempo e sua obsessão por ela” (Huyssen, 2014, p. 96).

Essa jornada pelos elementos visuais da cidade do Natal é testemunho de um processo dialético que encontra em sua degradação um sintoma de suas contradições. Com esses arranjos imagéticos, nossa intenção não é impor uma ordenação que atribua sentido à paisagem citadina, mas, sim, explorar formas de leitura e inter-relações que recuperam das imagens um potencial de revelação e uma capacidade de diálogo entre si, ao serem colocadas em um plano de correspondência (Bruno, 2012).

É assim que a montagem se configura como um método “capaz de perceber as relações íntimas e secretas entre as coisas, as correspondências e as analogias” (Didi-Huberman, 2020, p. 173). Convocamos as imagens em montagens como sequências que subvertem a linearidade do tempo, conforme Walter Benjamin (2012) discutiu, cuja trajetória está aberta em disputas sucessivas de processos que se sobrepõem diante da inevitabilidade da catástrofe moderna. Pensemos junto às imagens, utilizando narrativas, testemunhos, fontes e outras imagens como elementos de reflexão:

[...] o valor de conhecimento nunca seria intrínseco a uma única imagem, tal como a imaginação não consiste em imiscuir-se passivamente numa só imagem. Trata-se, ao contrário, de pôr o múltiplo em movimento, de não isolar nada, de fazer surgir os hiatos e as analogias, as indeterminações e as sobredeterminações em jogo nas imagens (Didi-Huberman, 2020, p. 173).

Ainda segundo Didi-Huberman, “a montagem só é válida quando não se apressa a concluir ou enclausurar: quando abre e complexifica nossa apreensão da história, e não a esquematiza abusivamente” (Didi-Huberman, 2020, p. 174). Portanto, devemos nos abrir a um “não-saber” (Bruno, 2019, p. 206), que se direcione às afetações e encontros, para além das representações e interpretações convencionais. Trata-se de uma arqueologia realizada por meio da experimentação: rasgando, abrindo, compondo, cortando, distanciando, aproximando, enquadrando, editando e destinando

as imagens a um lugar de experiência, sensações e emoções (Bruno, 2019).

Ao nos debruçarmos sobre as imagens do abandono e esquecimento, manifestas em suas paisagens em ruínas, vemos as *montagens* manifestas no seu patrimônio edificado. Elas oscilam, decaem, dispersam e fragmentam os acontecimentos, convidando-nos a ouvir seus murmúrios e lamentos: “a morte não está no seu lugar; ela é vista em imagens que não cessam de a expor à memória viva da imaginação” (Didi-Huberman, 2020, p. 173). É assim que as imagens evocam uma imaginação e um desalojar estético que comunicam o que subjaz no tecido de nossa materialidade histórica.

### Multitemporalidades ou uma memória larga

Observando os ecos da modernidade na cidade do Natal, percebemos que as memórias sucumbem e são capturadas por lógicas de valor, mercantilização e capital (Basile; Trigo, 2015), sendo destituídas de seus lugares originais e confundidas em diferentes camadas de tempo. A montagem permitiu-nos evidenciar não-correspondências e descontinuidades, revelando as fraturas e rachaduras da história ainda abertas. Para Silvia Rivera Cusicanqui (2010), a construção de uma memória na América Latina está intrinsecamente ligada a uma confluência heterogênea de tempos, memórias, cosmovisões e trajetórias históricas dos povos e culturas da região, uma memória larga.

Essa história aberta, que narra o processo de fundação da modernidade capitalista ocidental, carrega em suas bases um caráter complexo e intenso, perpetuando uma série de contradições sem solucioná-las. Violências, conflitos, guerras, mortes e processos de resistência e emancipação são estruturantes, atravessando as camadas da história latino-americana de modo que:

Hay además diversas temporalidades que coexisten, se tensionan mutuamente y remiten a profundos procesos históricos del pasado. Sin embargo, conservan actualidad y operatividad en el presente, porque las contradicciones que atraviesan esos procesos no se han resuelto (Nadal, 2019, p. 3).<sup>2</sup>

Rivera Cusicanqui (2016) nos chama a atenção para as imagens como métodos alegóricos que comunicam pensamentos e imaginários visuais sobre nossa história e seus desdobramentos. Essas imagens, como construções do imaginário, exigem uma postura de desconfiança. Com esse olhar, Rivera Cusicanqui (2016) realiza um ensaio visual em *La Illampu*, na Bolívia, questionando se a modernidade havia finalmente chegado àquela localidade, onde processos de demolição e ruína dialogam com as heterogeneidades e multitemporalidades do contexto boliviano.

Esse tensionamento e a coexistência de temporalidades diversas se aglutinam em uma memória ampla, atualizando as contradições civilizatórias do presente nessa dialética de um passado reacendido,

permeado por utopias e temores de futuros por vir. Assim, essa simultaneidade abrange uma densidade histórica, em relações de tensão, perdas e rupturas (Nadal, 2019), porque:

La experiencia de la contemporaneidad nos compromete en el presente – aka pacha – y a su vez contiene en sí misma semillas de futuro que brotan desde el fondo del pasado – *qhip nayr uñtasis sarnaqapxañani*. El presente es escenario de pulsiones modernizadoras y a la vez arcaizantes, de estrategias preservadoras del status quo y de otras que significan la revuelta y renovación del mundo: el pachakuti. El mundo al revés del colonialismo volverá sobre sus pies realizándose como historia sólo si se puede derrotar a aquellos que se empeñan en conservar el pasado, con todo su lastre de privilegios mal habidos. Pero si ellos triunfan, ‘ni el pasado podrá librarse de la furia del enemigo’ parafraseando a Walter Benjamin” (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 55).<sup>3</sup>

A concepção aymara, segundo a qual o futuro não está à frente, mas atrás de nós, não apenas questiona a ideia de progresso moderno como algo a ser alcançado no futuro, mas também destaca que, uma vez que isso ocorre, somos compelidos a renunciar ao presente (Nadal, 2019). Isso nos aliena da única dimensão temporal em que realmente existimos e agimos, fragmentando nossa existência em múltiplas temporalidades sobrepostas.

É sobre esses tempos lacunares que as imagens “mostram as ausências”, pois “nunca revelam tudo; conseguem mostrar a ausência através do que não mostram completamente, que nos propõem constantemente” (Didi-Huberman, 2020, p. 178). As imagens-montagens, como método da suspeita, operam pela atualização da experiência presente e sua relação com o real e os contextos que as tornam possíveis (Didi-Huberman, p. 179). “Estar diante da imagem é estar diante do tempo” (Didi-Huberman, 2015, p. 15), seja passado-futuro, seja passado-presente, que nunca deixa de se atualizar e reviver. As montagens mantêm múltiplos passados presentes, revividos pelo olhar e pelas perguntas que fazemos às imagens, pelas sensações e texturas que nos afetam em sua multiplicidade.

Esse tecer infinito de memórias, que se atualizam em diálogo com as imagens, carrega um caráter perene de imaginação, pois é pela imaginação que sempre haverá uma imagem, uma memória, ainda por vir. No entanto, esse devir cíclico não aponta para um futuro real, mas para o passado que carregamos. Esse passado é a arena na qual montamos e desmontamos nosso presente, já perdido de vista ao cair da modernidade. Em que imagens-tempo vivemos, então? Qual a duração de nossa existência nos arranjos que reconfiguram as ausências das imagens? Seus vazios e rupturas? Sobre isso, Didi-Huberman sugere uma postura de humildade diante da imagem:

Temos de reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento da passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração [durée]. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser [étant] que a olha (Didi-Huberman, 2015, p. 16).

O *Anjo da História* benjaminiano, que contempla o passado à sua frente enquanto avança para o futuro, ecoa a noção indígena de *Pachakuti*, discutida por Rivera Cusicanqui, que revela o acúmulo de catástrofes e ruínas que fundamentam a modernidade como “la revuelta o vuelco del espacio-tempo, com la que se inauguran largos ciclos de catástrofe o renovación del cosmos” (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 22). Por fim, a montagem na qual estivemos dedicados buscou refletir coexistências temporais. Olhar para o passado, nessa perspectiva, é observar vazios e escutar silêncios que guiam nossos destinos estéticos e, por conseguinte, históricos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA JÚNIOR, José Duarte. Etnografia do abandono e do esquecimento. *Fotocronografias*, [s. l.], v. 7, n. 16, p. 102-117, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/fotocronografias/article/view/128349>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- BASILE, Teresa; TRIGO, Abril. Las tramas de la memoria. *Alternativas*, [s. l.], n. 5, p. 1-11, 2015. Disponível em: [https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.7192/pr.7192.pdf](https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.7192/pr.7192.pdf). Acesso em: 10 ago. 2024.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.
- BRUNO, Fabiana. Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: imagens, palavras, montagens. *Tessituras*, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/16500>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Unicamp, 2012. p. 91-106.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, DF: INL; Natal: EDUFRN, 1980.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. 1. ed. São

Paulo: 34, 2020.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 34, p. 107-126, abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/12185>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ELIAS, Alexsânder Nakaóka. Por uma etnografia multissensorial. **Tessituras**, Pelotas, v. 7, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/16155/10797>. Acesso em: 13 fev. 2025.

FREHSE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 131-156, jul./dez. 2005.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.

MICHAUD, Phillippe-Alain. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

NADAL, Estela Fernández. “Pasado como futuro” y “multitemporalidad” en Silvia Rivera Cusicanqui. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS - HUMANIDADES ENTRE PASADO Y FUTURO, 1., 2019. San Martín. **Anais** [...]. San Martín: Universidad Nacional de San Martín, San Martín, 2019. Disponível em: <https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas>. Acesso em: 13 fev. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [s. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 13 fev. 2025.

PEREIRA, Arthur Leonardo de Lima. **Temporalidades urbanas na Ribeira, Natal/RN**: entre derivas, passagens e montagens. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Chi'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descoloniales. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Clausurar el pasado para inaugurar el futuro**: desandando por una calle paceña. Ciudad de México: Agenda 21 da Cultura, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia; BARBOSA, Marina Bordin; CERVO, Matheus. **Antropologia com imagens: cartas aos narradores urbanos e o livro do etnógrafo**. Revista Mundaú,

Maceió, n. 5, p. 179-201, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/5532/5481>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

TEIXEIRA, Rubenilson B. **Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso da forma e da função urbana**. Natal: EDUFRN, 2009.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: Akal, 2010.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Traduzida pelos autores para “Há também diferentes temporalidades que coexistem, se tensionam mutuamente e se remetem a profundos processos históricos do passado. No entanto, ainda conservam atualidade e operatividade no presente, porque as contradições que atravessam estes processos ainda não foram resolvidas”.
- <sup>2</sup> Traduzida pelos autores para “A experiência da contemporaneidade nos compromete no presente – aka pacha – e ao mesmo tempo contém dentro de si sementes de futuro que brotam das profundezas do passado – *qhip nayr uñtasis sarnaqapxañani*. O presente é o cenário de pulsões modernizadoras e, ao mesmo tempo, arcaizantes, de estratégias que preservam o status quo e outras que significam a revolta e renovação do mundo: o pachakuti. O mundo ao avesso do colonialismo só se recuperará e se realizará como história se conseguir derrotar aqueles que insistem em preservar o passado, com todo o seu lastro de privilégios mal adquiridos. Mas se eles triunfarem, ‘nem mesmo o passado pode escapar à fúria do inimigo’, parafraseando Walter Benjamin”.

### Arthur Leonardo de Lima Pereira

*arthur.lima.014@ufrn.edu.br*

Mestre em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0237-9483>

### José Duarte Barbosa Júnior

*duarte.junior@ifrn.edu.br*

Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

Professor de Sociologia - Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte/IFRN - Campus Currais Novos, Currais Novos, Rio Grande do Norte, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5671-5687>